



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

FRANCISCA SHAYANE AVELINO DA SILVA

**A OEIRENSIDADE SOB OLHAR DE “POSSI”: participação de Possidônio Queiroz na
cultura da cidade de Oeiras-Piauí (1950-1970)**

PICOS-PI

2014

FRANCISCA SHAYANE AVELINO DA SILVA

A OEIRENSIDADE SOB OLHAR DE “POSSI”: participação de Possidônio Queiroz na cultura da cidade de Oeiras-Piauí (1950-1970)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento.

PICOS-PI

2014

FRANCISCA SHAYANE AVELINO DA SILVA

A OEIRENSIDADE SOB OLHAR DE “POSSI”: participação de Possidônio Queiroz na cultura cidade de Oeiras-Piauí (1950-1970)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Orientador

Prof. M.Sc. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador Interno

Prof.^a M.Sc. Lívia Moreira Barroso
Examinadora Externa

Prof.^a M.Sc. Mona Ayala Saraiva Silveira
Suplente

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586e Silva, Francisca Shayane Avelino da.
A oeirensidade sob olhar de ‘possi’: participação de possidônio Queiroz na cultura da cidade de Oeiras-Piauí (1950-1970) / Francisca Shayane Avelino da Silva.– 2016.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (56 f.)
Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.
Orientador(A): Profa. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento.

1. História Cultural-Oeiras. 2. Possidônio Queiroz. 3. Oeiras-Piauí-História. I. Título.

CDD 981.22

Dedicado a razão da minha vida Vó Teresa e aos mestres Francisco Nascimento e Gleison Monteiro por todo apoio e incentivo durante toda a minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Enfim, mas uma jornada se encerra, depois de quase cinco anos de muita luta, lágrimas, sorrisos, brincadeiras um ciclo importante se conclui. É hora de agradecer a todos que alguma forma contribuíram para que mais um sonho fosse realizado.

Agradeço a Deus, por me guiar, por não permitir que eu fraquejasse, por me dar força em vários dos momentos de desânimo. Certa vez, escutei que um homem sem Deus não é nada, essa é uma verdade inquestionável. Sem Deus eu não estaria aqui, sem ele a vida não tem sentido.

A minha Vó Teresa Maria da Conceição, por todos os 19 anos dedicados a mim. Por todo apoio incentivo, zelo, cuidado e educação. Por jamais me abandonar, por compreender meus erros, (Que não foram poucos), pelos puxões de orelhas, pelas longas conversas. Sem ela não existo, eu não vivo. É ela que dá sentido à minha vida. Pra ela e por ela são todas as minhas vitórias.

A minha mãe Lúcia (in *memorian*), por me dar a vida. Sinto por ela não estar presente nas minhas conquistas. Peço perdão porque em boa parte da minha vida, não compreendi suas escolhas, por acha- lá egoísta. Hoje eu sei, que ela só queria paz, em uma vida que parecia não ter mais sentido.

A minha tia Luíza, por carinho, incentivo, por fazer tudo que fosse do seu alcance para que eu jamais precisasse de alguma coisa. Seja ela qual fosse. A meus irmãos Jadison, Larícia e Gianderson por existirem e fazerem a minha vida mais feliz. As minhas Tia Amélia e Jeane, Madrinha Fátima.

A todos os amigos, por estarem comigo em todos os momentos em especial a : Marcos Vinicius, Rannyele, Rayla, Carvalho Neto, Paulo Vitor, Tasso, Felipe, Everton, Anderson, Heverton, Jussan, Aline, Daniel, Jaque, Keilan Rômulo Lima, Ricardo, Tonny César, Jéssica Ramone, Rinária, Rayllan ,Rosinha, Ligia, Cristiano, Jardel, Liriane, Ravena, Neyeli, Isabela, Nayara e Rômulo.

Livia Carvalho e Lidiany Veloso companheiras desde o início do curso, não tenho palavras para agradecer tudo o que fizeram por mim. Carregarei vocês sempre em meu coração.

A Julyana, Rafaela, Janaína e Janete pelos longos anos de amizade, pela infância perfeita, adolescência maravilhosa e agora adultas sempre juntas dividindo o que for preciso.

A todos os mestres em especial a Gleison Monteiro, José Lins, Marylu Oliveira, e Israeliton Barbosa. Ao meu orientador Francisco Nascimento por toda a paciência e ajuda durante todo o curso.

A todos que contribuíram nessa pesquisa em especial: Rodrigo e Francisco Queiroz, Socorro Barros, Júnior Viana e Lívia Barroso.

As colegas de apartamento Ramone, Mirielly e Fátima por me acolherem e dividir as dificuldades da nossa vida de estudante.

Aos colegas de curso da UFPI que gentilmente me cederam seus trabalhos de monografia: Karla Pinheiro, Waleska Dandara e Theydson Willer.

A Possidônio Queiroz, por me possibilitar mergulhar num universo de conhecimento e uma admiração fora do normal.

Agradeço à todos que estiveram comigo, que acreditaram e sonharam comigo todo este sonho.

*Quem foi a Oeiras e não palestrou com
Possidônio não diga que conheceu a cidade.*

José Expedito Rêgo

RESUMO

Possidônio Nunes de Queiroz é uma das figuras mais emblemáticas da cidade de Oeiras-Piauí. Em seus mais de noventa anos de vida, dedicou-se a colaboração e preservação do patrimônio histórico e cultura da cidade. O presente trabalho monográfico tem como objetivo divulgar as principais contribuições culturais de Possidônio Queiroz para a sociedade oeirense. O referencial teórico escolhido reporta-se a História Cultural, História Oral e a Micro História. O recorte temporal escolhido está compreendido entre as décadas de 1950 e 1970 período que Possidônio esteve mais atuante na dinâmica da cidade. A partir da elaboração desse trabalho é possível compreender diversos aspectos relacionados ao cotidiano da cidade de Oeiras-Piauí, possibilitando uma construção daquela que seria a identidade oeirense.

Palavras-chave: História. Cultural. Possidônio Queiroz. Oeiras. Piauí.

ABSTRACT

Possidônio Nunes de Queiroz is one of the most emblematic figures of the town of Oeiras, Piauí. In his more than ninety years, she focused on collaboration and preservation of historical heritage and culture of the city. This monograph aims to disclose the significant cultural contributions of Possidônio Queiroz to oeirense society. The theoretical framework chosen refers to Cultural History, Oral History and the History Micro. The time frame chosen is from the 1950s and 1970s period Possidônio been more active in the dynamic city. From the preparation of this work it is possible to understand various aspects related to the daily life of the town of Oeiras, Piauí, enabling construction of what would be the oeirense identity.

Keywords: History. Cultural. Possidônio Queiroz. Oeiras. Piauí.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Possidônio Nunes de Queiroz	34
Imagem 02: Integrantes da Orquestra Renascença.....	35
Imagem 03: Possidônio Queiroz, lançamento do trabalho Memória Piauiense	40
Imagem 04: Primeira edição do Jornal “O Cometa”	47
Imagem 05: Possidônio Queiroz, Luís Carlos Prestes e Anita Leocádia	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 O PIAUÍ NASCEU AQUI !	19
1.1 OEIRAS: “Terra Matér” do Piauí	19
1.2 Os estigmas deixados pela transferência da Capital	24
1.3 Oeiras, invicta! Tu sempre serás	27
2 OEIRAS: Terra de poetas, músicos e loucos	29
2.1 Um pouco da intelectualidade oeirense	29
2.2 Eu vos apresento, “Possi”	32
3 POSSIDÔNIO: O HOMEM E A CIDADE	40
3.1 Oeiras a partir das cartas de Possidônio Queiroz	41
3.2 Aparece um jornal em Oeiras	45
3.3 A Fundação do Instituto Histórico de Oeiras	48
3.4 A amizade entre Possidônio Queiroz e Luís Carlos Prestes	49
CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS E FONTES	55
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A escolha pela profissão de historiador nos remete a uma reconstrução de determinados fatos ocorridos no passado e a partir delas formular possibilidades de interpretações. Para que isso ocorra é necessário a escolha primeiramente de um objeto de pesquisa específico para a busca dessas interpretações. Nesse sentido, como oieirense que sou decidi me aventurar pelas histórias da Primeira Capital do Piauí me utilizando de uma de suas figuras mais emblemáticas Possidônio Nunes Queiroz.

A cidade de Oeiras-Piauí sempre foi conhecida por ter sido o berço do Piauí e também pela efervescência de suas manifestações religiosas e culturais. Oeiras também é famosa pela grande presença de intelectuais nas mais diversas áreas (músicos, cronistas e poetas). Dentro desse grupo de intelectuais um em especial chama atenção: Possidônio Nunes de Queiroz. Ao entrar em contato com a trajetória desse oieirense é quase impossível não admirá-lo tendo em vista tudo o que ele fez por Oeiras.

Possidônio Queiroz nasceu em Oeiras aos 17 de maio de 1904 e dedicou os seus mais de 90 anos a busca incessante pela preservação da cultura e do patrimônio oieirense. Exerceu dentro do cenário oieirense várias profissões: professor ginásial, advogado rábula, conferencista, secretário da câmara e da prefeitura, poeta, cronista, músico sendo um exímio flautista. A música foi sua maior paixão. Compôs valsas comparadas a parisienses e autodidaticamente.

Falar do seu “Torrão Natal” era um dos seus maiores prazeres, foi um oieirense apaixonado pelas coisas de sua terra como a maioria de seus conterrâneos. Nas várias correspondências que trocou com intelectuais de diversas partes do Brasil, descreveu o cotidiano, os costumes e a cultura do oieirenses.

Cultuar o passado, preservando as suas tradições e venerando a memória daqueles que o fizeram, é, além de ato de patriotismo, demonstração de sabedoria, porque triste é um povo que não tem um passado e, conseqüentemente, a sua própria história.¹

Essa foi a missão de Possidônio, lutar para que as memórias de Oeiras fossem preservadas. Para isso ele encabeçou projetos como o movimento pela preservação do nome de Oeiras na década de 1940, tendo em vista um decreto do Governo do Presidente Getúlio

¹ CARVALHO, Abimael. In: O Instituto Histórico de Oeiras. **Revista do Instituto histórico de Oeiras**. 4.ed. Oeiras, 1982,p.13.

Vargas que proibia duas cidades de terem nomes iguais, foi um dos fundadores do Instituto Histórico de Oeiras na década de 1970, na mesma época foi também um dos colaboradores permanentes do periódico “O Cometa” juntamente com José Expedito Rêgo e Costa Machado.

A partir do exposto sobre Possidônio Queiroz a pesquisa procurará construir uma narrativa historiográfica da cidade de Oeiras – Piauí procurando entender o cotidiano da cidade, através da figura de Possidônio Queiroz, que dedicou sua vida ao estudo, sempre buscando conhecimento para sua cidade, seus conterrâneos e para si próprio, procurando saber como era a Oeiras de seu tempo, como era a cidade, suas memórias, quais práticas mais comuns no cotidiano das pessoas.

Através da pesquisa espera-se ampliar a compreensão de cultura de Oeiras, Investigar de maneira mais aprofundada o objeto de estudo, Possidônio Queiroz, apresentando suas contribuições para o município, e assim entender o contexto cultural e social do seu ponto de vista. O recorte escolhido 1950-1970 se deu porque foi durante esse período que a participação de Possidônio Queiroz foram mais evidentes.

Além disso, esse trabalho monográfico também pretende apresentar Possidônio Queiroz aos piauienses tendo em vista que ele ainda é pouco conhecido pelas pessoas. O presente trabalho também é uma luta para a preservação da memória desse beletrista oeirense que tanto se doou pelo seu povo. A sua lembrança tem de permanecer viva e merece ter um reconhecimento. O meu papel como historiadora é esse, não deixa que a memória se perca.

Para uma melhor compreensão do tema a pesquisa foi dividida em três capítulos: o primeiro apresenta a cidade de Oeiras, desde o início de sua ocupação no século XVIII por Mafrense; o segundo é dedicado a conhecer a história de Possidônio Queiroz e por fim o terceiro e último capítulo aborda a contribuições deixadas por Possidônio para a cidade de Oeiras no período compreendido entre as décadas de 1950 e 1970.

Foram analisados o acervo particular da família da Queiroz, composto pelas cartas, partituras, fotos e jornais. Também foram realizadas entrevistas com familiares e historiadores da cidade de Oeiras.

O enquadramento teórico escolhido para pesquisa é baseado em autores voltados para a História Cultural, Micro História e o conhecimento de Memória e também intelectuais piauienses. Foram utilizados autores como: Alessandro Portelli, Carlo Ginzburg, Peter Burke, Lucilia de Almeida Neves Delgado, Éclea Bosi, Jacques Le Goff e Pierre Nora. Através do aporte teórico escolhido para nortear esse trabalho monográfico espera-se um êxito, na busca por todas as respostas a todos os questionamentos propostos.

1 O PIAUÍ NASCEU AQUI!

Entender o cotidiano e as vivências de um determinado espaço, nos dá a possibilidade de conhecer diversos aspectos históricos e culturais. No caso específico de uma cidade por exemplo, podemos compreender os vários processos de formação pela qual ela passou em determinado período.

A cidade é um objeto da oficina historiográfica. Nela se permite garimpar fontes a fim de se decodificar para alcançá-las com olhares diversos, percorrê-las em suas harmonias e desarmonias, seus sentimentos e ressentimentos. Oeiras – PI é uma dessas cidades cheias de possibilidades onde escritores e intelectuais ousaram através da escrita registrar fatos lembranças e memórias do município.²

Este primeiro capítulo, tem como objetivo percorrer a história de Oeiras, e conseqüentemente a do Piauí desde a sua ocupação, em meados do século XVII, pelos irmãos Domingos e Júlio Afonso Mafrense, destacando sua importância histórica, os aspectos políticos, sociais e culturais para a formação do Piauí que fazem dela nas palavras do oeirense Possidônio Nunes de Queiroz principal personagem a ser discutido neste trabalho acadêmico, a “Terra Mater” do Piauí, até o final do século XIX, quando a capital é transferida para Teresina no governo do então Conselheiro Saraiva.

A cidade de Oeiras está localizada na região centro-sul do estado do Piauí a uma distância de 313km da capital Teresina. Sua população atualmente é de 35.640 habitantes segundo dados do último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2010. Sua área territorial é de 2.702,493 quilômetros quadrados pertencendo a macrorregião de Picos.

1.1 OEIRAS: “Terra Mater” do Piauí

A ocupação do território piauiense inicia-se apenas no século XVII, com as expedições lideradas pelos fazendeiros da Casa da Torre de Garcia D’Ávila que vieram do estado da Bahia com o intuito de combater os índios que invadiam suas fazendas. Ao perceber a vasta extensão das terras piauienses instalaram-se aqui e dedicaram-se a

² LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. Os arranjos da música em Oeiras por meio do arquivo de Possidônio Queiroz. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DE OEIRAS, Oeiras – PI, **Os arranjos da música em Oeiras por meio do arquivo de Possidônio Queiroz**. Universidade Estadual do Piauí – UESPI, 2013.p.1

principal atividade econômica desenvolvida na região naquele período, que era a criação extensiva de gado. Os pioneiros na ocupação do território foram Domingos Afonso Mafrense que se tornaria um dos maiores latifundiários da história do Brasil e seu irmão Júlio Afonso Serra. Oeiras originou-se de uma das fazendas de Domingos Afonso Mafrense chamada Cabrobó às margens do Riacho Mocha afluente do Rio Canindé. Surge assim, o primeiro núcleo de povoamento nas terras piauienses. O novo território, passou a pertencer a jurisdição do recém criado Bispado de Pernambuco em 1676.

Sobre a ocupação do que viria a ser, o estado do Piauí, Possidônio Queiroz destaca principalmente a importância que Oeiras, teve na formação do nosso estado.

Os nossos homens de letras, os que têm feito a história do nosso estado, deram à nossa Oeiras a denominação: Terra Mater. A designação assenta com muita propriedade. De fato, pode-se dizer que o Piauí nasceu desta gleba. É exato, antes de alcançar os campos da fazenda Cabrobó, tivera Mafrense, a oportunidade de palmilhar outros pontos de terra que conquistava. Entretanto, este que em demora a Velhacap e, onde residiu o audaz conquistador, foi o lugar que mais prosperou na velha capitania, e de onde se haveria de irradiar a força civilizadora para os demais.³

Nas palavras de Possidônio, é possível perceber a grande importância que ele dá a Oeiras, por ter sido nesta cidade, onde o Piauí deu seus primeiros passos para a futura formação do nosso estado. É impossível conhecer a história da formação do Piauí, sem ter Oeiras como alicerce.

Como a maioria das primeiras cidades do Brasil no período colonial, Oeiras nasce ao redor de uma igreja tendo em vista a forte presença católica colonizadora que se fez no país desde seus primórdios. A até então Fazenda Cabrobó é elevada à categoria de freguesia sendo chamada Freguesia da Mocha graças ao riacho existente que levava esse nome. Uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Vitória é erguida pelo Pe. Tomé de Carvalho, primeiro vigário de Oeiras, que trouxe consigo a primeira imagem da Virgem Padroeira. Os moradores então se uniram com o objetivo de juntar esforços para erguer o templo religioso impulsionados pela vontade de praticar sua fé católica. Surgiu assim a primeira irmandade piauiense da história: a irmandade de Nossa Senhora da Vitória. Sobre o que de fato são as irmandades temos a seguinte afirmação:

³ QUEIROZ, Possidônio. *Jornal O Cometa* de nº 2 de abril do ano de 1971, p. 2.

As irmandades podem ser entendidas, no aspecto jurídico, como instituições que tinham como função básica a propagação da fé e a ajuda mútua, incluindo os cuidados do sepultamento dos membros participantes e familiares. Esta instituição ligava um grupo a um santo devoto protetor, escolhido de acordo com as características sociais desse grupo. Esse modelo de associação leiga foi trazido da metrópole portuguesa para a colônia. No Brasil essas instituições assumiram caráter próprio, em que prevaleceram as particularidades de cada grupo local advindas das necessidades sociais que a política governamental não previa.⁴

Podemos perceber que dentro do contexto de formação piauiense, as irmandades funcionaram como orientadoras do povo, nos meios sociais e religiosos, surgem portanto, para tentar suprir de certa maneira essas carências.

Com a chegada do Pe. Tomé de Carvalho, a construção da primeira capela de Oeiras foi iniciada. A Igreja edificada em honra a Nossa Senhora da Vitória foi inaugurada no ano de 1733 sendo considerada o primeiro templo regular do Piauí e ao seu redor foram sendo construídas as primeiras casas iniciando assim o povoamento de fato. “Foi erguida com taipa e madeira de pindoba em 18 dias, e nos arredores da capela foi demarcado um quadro com pedras para indicar o espaço a ser utilizado para os sepultamentos, bem como outra para a futura construção da igreja”.⁵

O primeiro hospital do Piauí chamado Hospital da Caridade, foi construído ao lado da capela que mais tarde seria erguida uma igreja em honra a Nossa Senhora do Rosário. No entanto, a presença de jesuítas foi conflituosa, sendo que logo foram expulsos das terras portuguesas pelo rei José e o então ministro da coroa Sebastião de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal.

Ali a Igreja se fez logo presente. O Pe. Miguel de Carvalho, após ter visitado, a partir de 1694, o vasto sertão piauiense, apresentou ao Bispo de Pernambuco Dom Francisco de Lima, a necessidade da criação de uma freguesia no centro-sul do Piauí. Atendida a solicitação, foi criada em 1696, a freguesia do Mocha sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória.⁶

No ano de 1712, o então rei de Portugal, D. João V, ordenou através de uma Carta Régia que fosse criada no Piauí uma vila onde estava localizada a Igreja de Nossa

⁴ RODRIGUES, Walleska Dandara Vieira. **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Oeiras:** séculos XVIII e XIX. Picos, 2011, 54p. Monografia, Universidade Federal do Piauí (UFPI). p.16.

⁵ Idem

⁶ REIS, Amada de Cássia Campos. *História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí:* meados do século XVII à primeira metade do século XX, 2009, p.26.

Senhora da Vitória e no ano de 1717 a então freguesia foi elevada à categoria de vila, recebendo o nome de Vila da Mocha e no ano seguinte recebeu o título de capital. A princípio o Piauí pertencia ao Pernambuco, depois sua administração foi entregue a responsabilidade da Capitania do Maranhão. Somente em 1718, D. João V desmembrou o Piauí do Maranhão sendo elevada à categoria de Capitania do Piauí. Porém a ordem só foi cumprida quarentas anos depois no ano de 1758 quando D. José I sucessor de D. João V, nomeou o Cel. João Pereira Caldas tomando assim posse em 1759 o primeiro governador da história do nosso estado. Ao tomar posse João Pereira Caldas expulsou os jesuítas que habitavam a região, além de confiscar todos os bens, deixados como herança por Mafrense aos religiosos baianos.

O então governador João Pereira Caldas deu à nova Capitania o nome de São José do Piauí em forma de agradecimento ao rei português que o nomeara. Em 1761, a então Vila da Mocha é elevada à categoria de cidade recebendo o nome de Oeiras em homenagem a Sebastião José de Carvalho e Melo, o Conde de Oeiras e mais tarde Marquês de Pombal que era na ocasião Primeiro – Ministro do Rei de Portugal. Contudo, a desvinculação só ocorreu de fato em 1811, quando o Piauí adquiriu autonomia militar.

Como é possível perceber nesta rápida descrição cronológica da trajetória de formação do Piauí, todos os principais fatos relacionados a surgimento do nosso estado, estão ligados à Oeiras, o que conferiu a ela o título de “Terra Mater do Piauí”. De fato esta denominação é bastante relevante, já que tudo começa por Oeiras.

Em outra, passagem Possidônio Queiroz explica o porquê de Oeiras ter sido assim batizada:

Primeiro núcleo importante do Piauí, primeiro povoado, primeira Freguesia, primeira vila, primeira Capital, primeira no começo e no remate de tudo, primeira na administração, e nas decisões a primeira; era por isso, e por tudo isso, esta abençoada gleba, a fonte e a matriz do quanto se processava nestes sertões. Então Terra Mater do Piauí.⁷

Mas uma vez, Possidônio, ressalta a importância de Oeiras, para a formação da sociedade piauiense, enfatizando o fato de ela ter sido a primeira em todos os aspectos, sendo assim considerada a “Mãe do Piauí”. Segundo, ele não se pode contestar que tenha não sido a “Terra Mater”.

⁷ Jornal “O Cometa” de nº 2 de abril do ano de 1970, p.2.

Outra característica marcante de Oeiras, e que também está presente em sua história de formação é sua forte religiosidade que confere a ela outro título importante o de “Capital da Fé”, devido a suas seculares manifestações religiosas e a fervorosa fé de seus cidadãos. “Oeiras nasceu sob o símbolo da fé”.⁸

A influência da Igreja Católica age diretamente, na formação social da cidade contribui para que até hoje as manifestações religiosas sejam mantidas por seu habitantes. A Semana Santa é a mais importante, entre todas as festas religiosas, cobrindo a cidade de roxo e atraindo todos os anos milhares de fiéis que vem pedir e agradecer ao Bom Jesus dos Passos. A Procissão do Fogaréu que representa a perseguição dos soldados romanos à Jesus Cristo, também é marcante nesse período. Na Sexta-Feira Santa a cidade é tomada pelo silêncio de seus cidadãos, que se resignam, em memória da morte de Cristo. A noite todos se reúnem no patamar da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória para relembrar a morte de Jesus, seguindo em procissão com a imagem do Senhor Morto pelas ruas coloniais de Oeiras. É impossível, falar em Oeiras, sem lembrar de sua Semana Santa, uma tradição que sobrevive aos séculos.

A Tradição cultural é outra característica marcante de Oeiras, além das manifestações religiosas que são as mais conhecidas com destaque para a Semana Santa que é a mais importante, a forte presença de artistas, na cidade é bem marcante. Muitos oeiresenses se destacaram na música e na literatura. Entre esses oeiresenses podemos destacar: Benedito Francisco Nogueira Tapety, José Expedito Rêgo de Carvalho, Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho (O.G. Rêgo de Carvalho), Antonio Bugyja de Sousa Brito se destacaram como os grandes escritores oeiresenses.

Na música ganharam destaque André Holanda, Joaquim Copeiro, Benedito Feitosa, João Burane, Benedito Amônico e Possidônio Queiroz que fizeram parte das primeiras bandas de músicas da cidade principalmente nas décadas de trinta e quarenta.

Tendo perdido a condição de centro político da Província, Oeiras ia aos poucos se adaptando a uma nova configuração social, mas mantendo firme sua tradição cultural. A atmosfera sedutora da cidade tocava a sensibilidade de seus filhos. Ter alma de artista parecia ser uma sina. Rara era a família que

⁸ REIS, Amada de Cássia Campos. *História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí*: meados do século XVII à primeira metade do século XX. 2009,p.73.

não possuía entre seus membros alguém que se destacasse no campo da arte nas suas mais variadas manifestações.⁹

Para os oeirenses de tempos passados e de agora, a manutenção da tradição é algo indispensável para qualquer oeirense, isso porque reforça o amor que cada cidadão tem por seu lugar, essa talvez seja outra característica de Oeiras, o apego dos oeirenses pela sua cidade. É possível perceber isso quando se conhece as obras de todos os artistas citados anteriormente. A maioria dos oeirenses alimenta uma paixão, desmedida pelo seu “Torrão Natal”, isso pode ser percebido, nas obras de seus artistas, na manutenção das tradições, no falar entre as pessoas. A forte ligação dos oeirenses as tradições religiosas e culturais e o grande apego dos cidadãos pelo seu espaço talvez tenha funcionado de certa forma como um conforto, após Oeiras perder o título de capital do Piauí, tendo em vista que após a transferência da capital para Teresina, Oeiras mergulhou num marasmo de quase meio século.

1.2 Os estigmas deixados pela Transferência da Capital

A transferência da Capital do Piauí de Oeiras para outro lugar do Piauí, não era apenas um desejo do Conselheiro Saraiva, muito antes de ele se tornar governador da Província, essa ideia era alimentada por muitos de seus antecessores. Eles alegavam que Oeiras além de atrasada economicamente em relação às outras capitais, estava mal posicionada político e administrativamente

Oeiras estava localizada num meio de um sertão, o que dificultava uma produção agrícola que suprisse as necessidades de seus habitantes, a comunicação com as outras províncias e também a grande dificuldade no transporte tendo em vista que naquela época não existiam estradas, e tudo que era produzido era escoado pelas águas.

Muitas pessoas influentes politicamente aspiravam tirar de Oeiras a categoria de Capital do Piauí. Uns cogitavam sua transferência para a Vila da Parnaíba, outros defendiam como local ideal a foz do Rio Mulato, onde hoje é a cidade Amarante, e uma terceira corrente torcia para que a sede se fixasse na confluência do Rio Poti com o rio Parnaíba.¹⁰

⁹ REIS, Amada de Cássia Campos. *História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí*: meados do século XVII à primeira metade do século XX. 2009,p.63.

¹⁰ Idem

Como é possível perceber na citação acima, o desejo de transferência existia, o problema era onde seria instalada a nova Capital. Essas divergências adiaram, mas não evitaram que Oeiras perdesse seu título. Na verdade, Saraiva apenas concretizou um desejo que existia desde que Oeiras ganhou o título de Capital do Piauí.

D. João Amorim Pereira Costa segundo governador a tomar posse, no Piauí, foi um dos grandes defensores da ideia de transferência, o local ideal para a nova capital seria a Vila da Parnaíba. Contudo, seus planos foram frustrados pela Coroa portuguesa que queriam evitar as despesas que a transferência acarretariam. Os oeirenses reagiram, com o que segundo eles seriam as muitas das vantagens de Oeiras ser a capital: a sua centralidade, a máquina administrativa já instalada, evitando gastos com a construção de novos prédios. O problema da navegação seria resolvido segundo eles com o aproveitamento dos rio Canindé e também do riacho mocha. Porém os argumentos dos oeirenses não foram convincentes o suficiente e a mudança da capital tornou-se um assunto constante entre os piauienses. Essa disputa se arrastaria por 124 anos até o governo do Conselheiro Saraiva. Vários de seus antecessores tentaram sem sucesso, e os oeirenses lutavam de todas as maneiras para evitar que isso acontecesse.

Quando tomou posse em 1850, José Antônio Saraiva tinha apenas 27 anos e uma difícil tarefa, conseguir finalmente a mudança da capital para um local que fosse mais apropriado para ser a sede do governo do Piauí. E ele já havia escolhido o local ideal: a Vila Nova do Poti. A sua primeira providência como governador, foi viajar até a Vila do Poti com o intuito de conhecer o local onde seria instalada a nova capital, contrariando a princípio as ordens imperiais. Ao retornar a Oeiras, Saraiva estava mais convencido do desafio que iria enfrentar e da certeza que a mudança traria inúmeros benefícios ao Piauí.

Foi a persistência de Saraiva que levou finalmente a mudança do Governo da Província. Mesmo com todas as adversidades e contrariedades ele alcançou seu objetivo

Em sua fala na abertura dos trabalhos da Assembleia Legislativa, em 3 de julho de julho de 1851, Saraiva expõe as vantagens da escolha da Vila Nova do Poti para sediar o Governo da Província, apontando para a sua condição de local salubre, as facilidades comerciais e de comunicação a possibilidade de maior desenvolvimento da agricultura e, por fim, a oportunidade de a Província conhecer o progresso. Essa tentativa de convencimento foi em vão, os deputados continuavam irredutíveis e rejeitaram o projeto de lei que

mudava a capital. Saraiva, porém, manteve firme seu propósito e passou a se preparar para sair vitorioso quando da renovação da Assembleia em 1852.¹¹

Em 1852, ele eleva a Vila Nova do Poti, a categoria de cidade dando a ela o nome de Teresina, em homenagem a esposa de D. Pedro II, a Imperatriz Teresa Cristina e logo em seguida autoriza a transferência de todo aparelho administrativo para a nova cidade.

Saraiva logo deixou Oeiras, e em 16 de agosto de 1852 seria oficializada às autoridades da Província e do país a mudança da nova capital. Esse foi o grande feito de Saraiva para os piauienses, já que em março do ano seguinte ele deixaria Teresina e como herança a semente do progresso. Em contrapartida a esse progresso, Saraiva mergulhou Oeiras em um longo e doloroso período de decadência.

Diante do ousado desejo saraiviano de transferir a capital da Província para a Chapada do Corisco, restou a Oeiras apenas a estereotipada designação de Primeira Capital, como se fosse a única coisa que distinguisse de outros lugares. Todavia, aqui ficaram ricas manifestações seculares e singulares. Ficaram ainda, no perímetro urbano, os rústicos casarões coloniais que, tomados pela teimosia do tempo, têm sido predestinados ao cruel destino da ruína, algo que já vem ocorrendo desde o momento em que inúmeras famílias, ainda nos idos século XIX, mudaram-se para a Vila Nova do Poty.¹²

A mudança da capital para Teresina, não mexeu apenas com a conjuntura política até então existente, mas do que isso, a transferência mergulhou Oeiras, no longo período de atraso. Os oeirenses não se conformavam com a perda do status de capital e organizaram uma revolta na tentativa de reaver seu título perdido, no entanto logo desistiram percebendo que uma revolta àquela altura de nada adiantaria. Oeiras aceitou sua condição e permaneceu apática por quase um século, quando as primeiras modernizações começam a chegar.

A perda do status de capital mudou a feição de Oeiras e mexeu com a autoestima de seus habitantes que inconformados ensaiaram uma reação armada, mas já sem força de antes não é levada avante, sendo contida pelos mais sensatos. Para a nova capital foi levado todo o aparato político administrativo, ficando a antiga urbe mergulhada na desolação, entrando em um estado de decadência econômica por longos anos e assim viveu prostrada nessa letargia sem pressa de acordar para o mundo.¹³

¹¹ REIS, Amada de Cássia Campos. *História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí*: meados do século XVII à primeira metade do século XX. 2009,p.53.

¹² VIANA, Júnior. *Mosaico da Vila*. 2013,p.63.

¹³ REIS, Amada de Cássia Campos. *História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí*: meados do século XVII à primeira metade do século XX. 2009,p.55.

A partir da década de 1930, Oeiras começa a dar sinais de um possível ressurgimento acompanhando de forma lenta, o desenvolvimento pelo qual o Brasil estava passando. Houve naquela época significativos avanços na urbanização, indústria, educação além do espaço conquistado pela classe operária.

Foi a partir da década de trinta, dos anos mil e novecentos, que Oeiras se levantou arrancando para o progresso e tentando recuperar o tempo em que se entregou à apatia desde que deixará de ser capital. Governantes de ideias novas e avançadas se dedicaram à reconstrução da cidade realizando obras públicas, revigorando-a e dando-lhe um novo perfil.

Os governantes desse período se empenharam em dar a Oeiras um ar mais moderno que acompanhasse os acontecimentos do restante do país. Várias obras foram iniciadas com destaque para a reforma do Mercado Municipal de Oeiras, a construção de uma usina elétrica e de um espaço cultural formado pelo Café Oeiras, o Cine Teatro Oeiras, o Passeio Leônidas Melo, a Associação do Comércio. Também foram construídas escolas, estradas foram abertas e as ruas principais foram calçadas. A energia elétrica chegou a cidade no ano de 1937. Essas foram algumas das obras de modernização da cidade de Oeiras.

Após percorrer toda a história de Oeiras, desde seu povoamento foi possível, compreender por que essa cidade é tão importante para o Piauí. Outra questão percebida foi a luta que Oeiras tem em manter suas tradições, algo que está arraigado em todos os seus cidadãos, entre eles Possidônio Nunes de Queiroz, personagem central deste trabalho biográfico. Os capítulos que se seguem, enfatizarão a figura de “Possi” como ele era carinhosamente chamado e a forma como ele canta seu “Torrão Natal”.

1.3 Oeiras invicta, Tu sempre serás!

Ao escrever a letra do hino de Oeiras, José Expedito Rêgo imortalizou uma das maiores conquistas dos oeirenses, evitar a mudança do nome da cidade devido a o Decreto-lei nº 3.559 de 06 de setembro de 1941 do governo de Getúlio Vargas que proibia mais de uma cidade ou vila brasileira com o mesmo nome. Além da Oeiras do Piauí e da localizada em Portugal existia ainda uma localizada no estado do Pará, e o governo exigia que elas mudassem ou adaptassem o nome desses dois municípios. Mais uma vez, o ufanismo oeirense se manifestou, eles jamais admitiriam que o nome de Oeiras fosse mudado, já haviam perdido o título de capital, só havia restado a

lembranças das glórias dos tempos passados. Mudar o nome da cidade seria como se ela perdesse sua identidade, a sua história. “Oeiras, a velha cidade do Piauí, ao longo de sua história, tem sustentando, bravamente, muitas lutas e deles se tem saído galhardamente, graças a coragem e ao civismo dos seus filhos”.¹⁴ Através das palavras ditas por Possidônio Queiroz no jornal é possível perceber o quanto essa questão era significativa para os oeirenses. Eles se uniram e foram à luta para preservar a sua identidade e acima de tudo a de Oeiras. “Oeiras não poderia perder o nome. Fariamos o possível e o impossível, mas a velha terra haveria de continuar sempre OEIRAS”.¹⁵ Os oeirenses que residiam em outras cidades também se manifestaram em prol da defesa da “Velha Cap”.

Na reunião onde participaram muitos dos oeirenses inconformados com o decreto, foi formada uma comissão com o objetivo de encabeçar a luta contra a mudança do nome da cidade era a “Terra Mãe do Piauí”, a comissão foi composta pelos oeirenses Augusto Rocha Neto, José Nogueira Tapety, Raimundo Costa Machado e Possidônio Queiroz. Eles seriam os responsáveis pela busca de argumentos que impediriam a mudança. E venceram, Oeiras permaneceu com seu nome secular, a outra Oeiras do estado do Pará só restou a solução de adaptar do nome da cidade.

Possidônio, descreve na edição de nº 4 do jornal “O Cometa”, a importância desta vitória para as futuras gerações de oeirenses, de forma que eles sempre carreguem em suas vidas o amor pelo seu “Torrão Natal”.

A história desse período de vida gloriosa cidade, que ora se inicia, será contada para conhecimento dos nossos jovens escolares, os quais no futuro, quando no comando dos destinos da terra em que nascemos, narrando-as a seus filhos e discípulos, dirão: “os oeirenses lutaram, sofreram, tiveram momentos de inquietude, noites indormidas, cheias de preocupação, mas venceu a velha terra, o Piauí triunfou, por isso OEIRAS, SEMPRE OEIRAS!

Fica evidente na fala de Possidônio a importância desse acontecimento para a cidade. Todos se mobilizaram e ao final alcançaram a vitória. O empenho de todos era de manter o patrimônio oeirense, que vinham sendo construído desde os tempos de

¹⁴ Jornal “O Cometa” de nº 3 de maio do ano de 1971, p.2.

¹⁵ Jornal “O Cometa” de nº 4 de maio do ano de 1971, p.1.

Mafrense. Os oeirenses construíram essa identidade ao longo de toda a sua história e mantê-la faz parte da nossa oirensidade.

2. Oeiras: Terra de poetas, músicos e loucos

Uma das características marcantes de Oeiras, é a forte presença de intelectuais que se manifestaram de diversas maneiras na música, na literatura sempre com o objetivo principal de exaltar o seu “Torrão Natal”. Prefaciando O. G. Rêgo de Carvalho um dos mais conhecidos escritores do Piauí, e do Brasil e filho de Oeiras, a cidade seria “famosa por seus poetas, músicos e loucos”. De fato, Oeiras carrega uma certa sensibilidade em formar intelectuais e artistas. “Oeiras transbordou de intelectuais, cronistas, literatos, que tentaram documentar de seus modos situações, períodos importantes ou até mesmo fatos corriqueiros da cidade”¹⁶. Muitos ficaram famosos, como O.G Rêgo de Carvalho¹⁷, outros ainda são desconhecidos da maioria dos piauienses. Possidônio Queiroz é um desses artistas pouco conhecidos no cenário piauiense e que teve contribuições marcantes em diversos acontecimentos importantes desse lugar.

Este capítulo tem por objetivo conhecer como se formaram os intelectuais e artistas oeirenses, e quem são eles, dando ênfase ao personagem central deste trabalho monográfico Possidônio Nunes de Queiroz. A lembrança de Possidônio se faz presente na memória de seus conterrâneos, e por isso é tão importante entender o quão foi positiva a sua participação na sociedade oirense durante seu quase um século de vida, conhecendo portanto sua história. É importante entender como essas práticas e representações culturais interferiram e interferem no cotidiano da cidade e de seus moradores.

2.1. Um pouco da intelectualidade oirense

¹⁶ LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. **Possidônio Queiroz: e os tempos de ouro da música oirense**. Teresina, 2009. 68 p. Monografia de conclusão de curso. Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL, Universidade Estadual do Piauí – UESPI. p.10

¹⁷ Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho, escritor e romancista nascido em Oeiras em 25 de janeiro de 1930 e falecido em 09 de novembro de 2013 em Teresina Piauí.

A cidade de Oeiras, se tornou famosa por ter sido a Primeira Capital do Piauí e também pela Fé de seus cidadãos. No entanto, outra peculiaridade que pode ser percebida em Oeiras é a forte presença de intelectuais e artistas que em suas obras fizeram questão de declarar o amor que sentiam pelo seu “Torrão Natal.”

Para muitos deles escrever sobre Oeiras era uma forma de amenizar a saudade que sentiam de seu lugar, já que a maioria desses intelectuais saíam de Oeiras, para morar em outras cidades, principalmente nas capitais onde iriam se dedicar a formação acadêmica. Os que viviam na cidade, lutavam de todas as formas para preservar a cultura, as tradições e os costumes oeirenses.

Há quem diga, que essa intelectualidade surgiu do ressentimento que os oeirenses carregaram ao terem perdido o título de capital para Teresina no ano de 1852. Como já foi dito anteriormente, após a transferência da capital Oeiras, passou por um longo período de marasmo, o que de certa forma mergulhou os oeirenses numa nostalgia.

Tendo perdido a condição de centro político da Província, Oeiras ia aos poucos se adaptando a uma nova configuração social, mas mantendo firme sua tradição cultural. A atmosfera sedutora da cidade tocava a sensibilidade de seus filhos. Ter alma de artista parecia ser uma sina. Rara era a família que não possuía entre seus membros alguém que se destacasse no campo da arte nas suas variadas manifestações.¹⁸

Como os mais conhecidos intelectuais de Oeiras podemos citar: O. G Rêgo de Carvalho, José Expedito Rêgo, Dagoberto de Carvalho, Nogueira Tapety, Bugyja Brito, Gerson Campos, Noé Mendes, Benedito Amônico de Freitas, Ferrer Freitas, Costa Machado e Possidônio Nunes de Queiroz. Todos esses intelectuais deixaram a sua contribuição para o dinamismo da cultura e das tradições oeirenses. A maioria deles tem origem abastada das famílias tradicionais portuguesas que existem até hoje na cidade, e geralmente estudavam em grandes centros como por exemplo o Rio de Janeiro ou Recife, com exceção de Possidônio Queiroz que além de ter tido uma origem humilde viveu durante toda a sua vida em Oeiras. Preservar Oeiras, foi uma das principais missões de todos os intelectuais cada um à sua maneira.

Como exemplo dessas “missões” desses intelectuais podemos citar os escritores e poetas O.G Rêgo de Carvalho e José Expedito Rêgo, as obras desses intelectuais

¹⁸ REIS, Amada de Cássia Campos. **História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí**: meados do século XVII à primeira metade do século XX. 2009,p.63.

destacam-se pelo seu forte caráter telúrico, ou seja, em seus livros, eles enfatizam o amor e as coisas boas que Oeiras oferece. Esses dois escritores, tiveram grande destaque no cenário literário piauiense ocupando inclusive cadeiras na Academia Piauiense de Letras. José Expedito Rêgo também participou juntamente com Possidônio de Queiroz e Costa Machado da fundação do IHO (Instituto Histórico de Oeiras) e do jornal mensal “O Cometa” que teria como objetivo manter informado os oeirenses ambos na década de 1970.

Como na maioria das outras cidades do Brasil, a maioria dos intelectuais se reuniam em algum lugar, geralmente na parte central da cidade, onde discutiam sobre várias questões relacionados ao seu cotidiano, política, cultura e os acontecimentos do mundo em geral. Em Oeiras não era diferente. “Salões, cafés, casas, editoras, academias, escolas revistas, manifestos e mesmo correspondências de intelectuais são lugares preciosos para a análise do desenvolvimento de fermentação e circulação das ideias”¹⁹. Como na época, Oeiras não oferecia espaços de lazer, possivelmente nesses poucos espaços de sociabilidade fossem surgindo relações que podem também ter contribuído para a formação da intelectualidade oeirense.

Outra curiosidade a respeito dessa forte tendência a intelectualidade, conferiu a cidade um outro título um tanto quanto curioso, além de Capital da Fé, Oeiras é conhecida como “Terra dos Loucos”, devido à forte presença de pessoas com algum tipo de distúrbio mental e que muitas vezes vagam pelas ruas da cidade. Alguns atribuem esse fato a grande quantidade de casamentos consanguíneos ocorridos na cidade, e para os mais leigos, a loucura seria consequência da inteligência exagerada de seus habitantes. O depoimento da historiadora oeirense Socorro Barros me chamou atenção, pelo relato de uma prática supersticiosa dos antigos com o intuito de prevê a loucura de uma pessoa.

Quando a mãe engravidava, que ela ia ter o bebê, no dia do parto ela jogava o barro na parede. Se o barro “apregasse”, o menino ia ser poeta ou ser músico portanto, ia ser artista. Se o barro “caísse” seria louco. E o O.G Rêgo traz isso: “De poeta, músico e louco em Oeiras, todo mundo tem um pouco”. É uma frase que a gente vai passando de pai pra filho. E a gente até já absorveu isso aí também.²⁰

¹⁹ GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.6, p.65.

²⁰ Depoimento da historiadora Socorro Barros concedido a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva em 21 de junho de 2014 na cidade de Oeiras-Piauí.

Essa explicação nos mostra que os oeirense internalizaram esse “divã de loucos” como parte da cultura e das tradições oeirenses. Esse torna-se interessante pelo fato de que poderia ter se tornado uma sina ruim para os habitantes da cidade acabou sendo transformado pelos oeirense em tradição. Não se sabe ao certo, de onde vem essa intelectualidade oeirense, se dá herança do ressentimento da perda do título de capital ou do amor desmedido de seus cidadãos. E muito menos, que ela seria a causa da possível loucura que assombra os oeirenses. A única certeza que se tem, é que a intelectualidade é um traço forte de muitos oeirenses.

2.2 Eu vos apresento, “Possi”

Em meio a intelectualidade abastada de Oeiras, nasce um dos personagens mais importantes da história da cidade, que romperia esse aspecto de que os intelectuais viriam apenas das famílias que tinham posses, Possidônio Nunes de Queiroz, mais especificamente aos 17 de maio de 1904, filho de Raimundo Nunes de Queiroz, conhecida popularmente como *Bembem* e Francisca Soares Queiroz conhecida pelo apelido carinhoso de *Mãe Chiquinha*.

Vindo de uma família humilde, descendente de escravos “Possi” foi um dos maiores colaboradores da manutenção das “Coisas de Oeiras”, tendo sido figura importante em diversos acontecimentos relacionados a cidade durante os seus quase 92 anos de vida. Sabe-se pouco de sua infância, apenas o que ele mesmo retratou em suas memórias traduzidas em crônicas, poesias e acima de tudo na música sua maior paixão.

Falar da infância de “Possi” não é fácil. Há algo na monografia *Memória Piauiense - Possidônio Queiroz* escrito pelo maestro Emmanuel Coelho Maciel no que diz respeito a esse período, mas bastante curto, pois documentos e informações sobre a fase não existem de muito ou ainda não foram encontradas.²¹

O fato de ser filho de um agricultor analfabeto, de morar numa pacata cidade do interior, sem muitas opções de diversão ou estudo não impediu Possidônio de buscar conhecimento, pelo contrário, a vida que ele levava, só aumentou a sua inquietação por

²¹ LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. **Possidônio Queiroz:** e os tempos de ouro da música oeirense. Teresina, 2009. 68 p. Monografia de conclusão de curso. Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL, Universidade Estadual do Piauí – UESPI. p.27.

saber e aprender cada vez mais. O pai de Possidônio fez questão de que seus filhos estudassem, com exceção da única irmã de Possidônio Maria da Anunciação Queiroz que não teve acesso a instrução regular oferecido. Isso conferiu a família de Possidônio um certo *status*, já que nem todos tinham o direito do pouco estudo oferecido na cidade naquela época. “Na cidade, era benéfico, qualquer pessoa que soubesse ler e escrever bem e isso lhe deu um certo prestígio na cidade”.²²

Sobre sua educação sabe-se que iniciou seus estudos na escola particular de Dona Quininha, aos 7 anos tendo em vista que a instrução pública só seria instalado em Oeiras no ano de 1929 com a inauguração do Grupo Escolar Costa Alvarenga, existente até os dias de hoje. Permaneceu na escola de Quininha até completar todo o ensino primário. Também frequentou a escola do Dr. José Epifânio Carvalho onde aprendeu lições de português. Logo após passou a estudar no Externato Oeirense de propriedade do Dr. João Ribeiro de Carvalho juntamente com seus irmão João Geraldo e Vicente que entraria um ano depois. No Externato Oeirense estudou as disciplinas de: Português, ditado, caligrafia, análise e aritmética mantendo sempre uma média boa, com notas variando entre 9 e 10 o que já chamava atenção por parte de seus professores. Tentou continuar seus estudos em Teresina incentivado por sua esposa D. Otacília permanecendo por pouco tempo, um período apenas, alegando não aguentar a saudade que sentia de seu “Torrão Natal” voltando para Oeiras, retornando a capital por raríssimas vezes.

A música foi sem dúvida a maior paixão de Possidônio Queiroz, fazendo parte de sua vida desde a infância. Na primeiras décadas do século XX, não existia nenhuma orquestra apenas uma banda formada na cidade que se resumia a instrumentos de sopro e percussão como por exemplo: flauta, clarinete, trompete, saxofone, tuba entre outros. Depois surgem duas bandas: Banda de Música Vitória e Banda Triunfo. “Ao som dessas duas bandas Possidônio se deliciava ouvindo suas harmonias que se apresentavam geralmente em cerimônias religiosas, cívicas e nas épocas de campanha política”.²³ Em meio, a isso sua paixão pela flauta começa.

²² Depoimento do historiador Rodrigo Queiroz concedido a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva em 21 de março de 2014 na cidade de Oeiras-Piauí.

²³ LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. **Possidônio Queiroz: e os tempos de ouro da música oeirense.** Teresina, 2009. 68 p. Monografia de conclusão de curso. Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL, Universidade Estadual do Piauí – UESPI. p.33.

Ao chegar a adolescência ele descobre outra paixão: a música. Conta-se que ele ficava impressionado com as flautinhas que tocavam retretas pela cidade e ele se apaixonou por aquele instrumento: a flauta. Depois diz-se que ele construiu uma flautinha de bambu, dessa parecida com um pífano que a gente tem hoje. E aí, começou a tocar um sonzinho sozinho.²⁴

Ele recebeu, algumas orientações sobre o manuseio da flauta, de um flautista oeirense chamado João Rêgo, que não pode continuar ensinando, em virtude de uma doença que ocasionaria sua morte posteriormente. Depois, disso tudo que ele aprendeu sobre música foi autodidaticamente através de suas intensas e incansáveis leituras.



Imagem 1 : Possidônio Queiroz
Fonte: Acervo particular da família Queiroz

Na década de 1930, juntamente com outros músicos da cidade formam uma orquestra, que recebeu o nome de *Renascença*. Fizeram parte da orquestra além de Possidônio: Raimundo Cassiano Queiroz, Indé Cassiano, José Amorim, João Burane, Eva Feitosa, Aldemar Tabaqueiro, Antonio Diogo, Elisa Campos Ferreira, Petinha Amorim (Que até o período de escrita desse trabalho monográfico ainda permanece viva), Amália Reis, Maria Queiroz, Luiz Burane e Benedito Amônico de Freitas

²⁴ Depoimento do historiador Rodrigo Queiroz concedido a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva em 21 de março de 2014 na cidade de Oeiras-Piauí.

(Burane). Em seu curto tempo de duração, a orquestra *Renascença*, se apresentou em diversos eventos cívicos, culturais e religiosos da cidade, sendo que sua maior participação foi na inauguração do *Cine Teatro de Oeiras*, na década de 1940, quando Possidônio tocava uma de suas primeiras composições a valsa *Ceci Carmo* título que foi atribuído em homenagem à sua comadre. A partir daí, só pararia de compor na década de 1980, já debilitado e cego.

Suas composições quase sempre homenageavam alguém ou alguma ocasião especial como por exemplo o hino da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, em virtude dos seus 250 anos de existência, homenagem a D. Francisco Expedito Lopes primeiro bispo no ano de 1949 e D. Edilberto Dilkelborg, no ano de 1959 ambos bispos de Oeiras.



Imagem 2: Integrantes da Orquestra Renascença.
Fonte: Acervo particular da família Queiroz

Possidônio casou-se aos 24 anos com D. Otacília com quem teve 6 filhos, sendo que destes apenas dois ainda permanecem vivos, “Melinha Queiroz” hoje 82 anos e reside atualmente na capital Teresina e o mais novo Francisco Queiroz hoje com 76 anos reside em Oeiras, herdou do pai algumas de suas maiores qualidades como a paixão pela música sendo também um excelente músico e também compositor, o gosto pela leitura, sempre à procura de mais e mais conhecimento tendo em sua casa uma

biblioteca com um grande acervo de livros, muitos deles dados por seu pai ainda em vida.

Trabalhou primeiramente como pedreiro, logo depois que se casou, sempre conciliando o trabalho com o estudo, autodidaticamente. Logo percebeu que aquela não era sua profissão. Aprendeu então o ofício de ourives, se dedicando a fabricação de diversas joias para as pessoas de Oeiras. Com ajuda de seu pai monta um pequeno comércio, no Mercado Municipal, que mais tarde se tornaria uma livraria onde ele dedicaria boa parte de seu tempo as pesquisas e onde era muito procurado pelas pessoas para tirar dúvidas de assuntos. Segundo Francisco Queiroz, filho de Possidônio, ele ficava horas e horas a luz de uma lamparina para não interromper as suas incansáveis leituras.

Diferente de muito intelectuais, Possidônio fazia questão de que seu conhecimento não ficasse restrito a si próprio, e maneira que ele encontrou de disseminar todo o seu conhecimento foi sendo professor de português do Ginásio Municipal de Oeiras na década de 1960. Era bastante procurado por seus alunos e também por outras para pessoas para tirar dúvidas de algum assunto. Ele jamais se negou a ninguém que o procurasse. Pelo contrário prendia as pessoas por horas a fio, sempre provando o que falava através de seus inúmeros livros.

O professor Possidônio se entregou com todas as forças àquela missão de mestre. Jamais tratou um discípulo seu com descortesia. Não fazia diferenciação entre os que pertenciam a classe privilegiada e os menos afortunados. Somente encontrava-se afável e condescendente, mesmo quando recebia incompreensões daqueles imaturos jovens deslumbrados com o início de suas vidas. Ele também sabia esta verdade e perdoava sem deixar qualquer rancor. Suas aulas não eram apenas ensinação de português mas também lições de vida.²⁵

Na década de 1970, ele procura disseminar seu conhecimento através da elaboração juntamente com um grupo de outros intelectuais oirense do mensário jornal “O Cometa” dedicado a informar os cidadãos. No jornal existia uma parte intitulada “História de Oeiras” de responsabilidade de Possidônio. Lá em sempre explicava um episódio da história de Oeiras relacionados a cultura e as tradições.

Possidônio foi também por 40 anos Secretário da Prefeitura Municipal de Oeiras e também da Câmara de Vereadores. Esse trabalho, foi uma das formas que ele encontrou de participar mais ativamente dos acontecimentos políticos da cidade. Todas

²⁵ SOARES FILHO. Antonio Reinaldo. Professor Possidônio. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, Oeiras, Piauí, n.14, p.77.

as atas de reuniões, todas as decisões tomadas passavam pelo seu conhecimento. Era também um grande orador, sendo ele o principal orador da cidade. Toda vez, que algum evento importante acontecia, ele era sempre era convidado a discursar. Eram longos e bem elaborados discursos, por vezes enfadonhos se levarmos em consideração que a maioria das pessoas daquela época eram analfabetas, com palavras bem escolhidas e por vezes desconhecidas das pessoas tendo em vista que o grau de conhecimento da população daquela época era bem aquém ao de Possidônio.

Possidônio foi um espetacular conferencista e orador. Quando você conversar com as pessoas que tiveram convívio, eu tive muito pouco com Possidônio, mas adorava ouvi-lo uma hora, duas horas de discurso e não me cansava, muita gente não conseguia ouvir Possidônio Queiroz conversar.²⁶

Essa habilidade em se expressar, foi umas das características marcantes de Possidônio. Prova disso é que ele foi escolhido para ser o intermediador da Oeiras com Luís Carlos Prestes quando a Coluna Prestes passou pela primeira vez na década de 1920. A partir daí ele seria escolhido como o orador oficial da cidade. Desse primeiro contato com o *Cavaleiro da Esperança* nasceria uma amizade expressada através de correspondências trocadas entre eles e que renderia uma segunda visita de Luís Carlos Prestes acompanhado de sua filha Anita Leocádia na década de 1980.

Na década de 1940, Possidônio, vai a Teresina prestar concurso para adquirir o título de advogado provisionado ou rábula como era conhecido na época. Foi aprovado em um dos primeiros lugares, passando a exercer a profissão na cidade. Esse fato chama atenção, por ele nunca ter frequentado uma Faculdade de Direito, aliás Possidônio nunca frequentou uma faculdade o que não impediu sua aprovação. Uma façanha para uma pessoa que morava numa pequena cidade do interior, que na época não oferecia quase nenhum recurso para que seus moradores adquirissem qualquer estudo que fosse.

Dizem que ele passou em primeiro lugar, mas como ele era negro. Até hoje dizem que não há discriminação no Brasil. Há sim! [...] Papai não passou por nenhuma universidade, como os demais advogados, mas eu acho que, nenhum advogado que conversasse com ele, saiu sentindo ou dizendo que sabia mais do que ele não.²⁷

²⁶ Depoimento da historiadora Socorro Barros concedido a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva em 21 de junho de 2014 na cidade de Oeiras-Piauí.

²⁷ Depoimento concedido pelo senhor Francisco Queiroz, a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva na cidade de Oeiras Piauí, no dia 21 de junho de 2014.

Possidônio é uma quebra de paradigma. No século XX, numa sociedade em que a maioria dos intelectuais tinham que deixar a cidade para os grandes centros formadores. [...] E a gente percebe que o Possidônio não precisou sair de Oeiras para ir de encontro com esse conhecimento, ele fez dos livros essa grande viagem. [...] E acima de tudo ele era negro, então numa sociedade tão preconceituosa, tão marcada pelo racismo no início do século XX, com mazelas oriundas da escravidão, Possidônio soube se sobressair com a educação como referência existencial dele. Então era um cara que lia muito, e o diferencial dele frente as pessoas que tinham posse era essa intelectualidade.²⁸

Ao analisar os depoimentos acima podemos perceber que embora fosse dotado de uma intelectualidade que o diferenciava de outras pessoas, ainda existia preconceito por parte de alguns oeirense pelo fato de Possidônio ser um negro. Contudo, ele optou por enfrentar os preconceitos, aprendendo cada vez mais. Então quando se diz que ele é uma “quebra de paradigma” e leva-se em conta o período em que ele viveu é notável a sua vontade de vencer as barreiras impostas pela sociedade se utilizando da educação.

Uma outra questão a ser abordada é que não existe nenhuma obra “possidônica” escrita, por ele em vida ou postumamente, o que de certa forma leva a um esquecimento de sua memória e todos os seus feitos para com a sociedade oeirense. Há um grande acervo deixado por ele e que está em poder de familiares e amigos pessoais constituído de muitos livros, crônicas, partituras de valsas, documentos de sua atuação como rábula e correspondências trocadas com várias pessoas como por exemplo Luís Carlos Prestes, Anita Leocádia, Bugyja Brito entre outros intelectuais de todas as partes do Brasil. Através dessas correspondências ele se inteirava dos acontecimentos que ocorriam no país e no mundo relacionados a política e cultura principalmente.

Recebeu de presentes vários livros, periódicos e revistas mandados por seus amigos. Em suas crônicas e correspondências ele retrava o cotidiano e as práticas dos cidadãos de Oeiras. Alguns projetos já estão sendo pensados tanto por parte do poder público, dos familiares e também por instituições de ensino da cidade com o intuito de reconhecer e preservar a memória de Possidônio para as futuras gerações.

A primeira tentativa de preservação do legado e da memória possidônica aconteceu no início da década de 1990, por parte de maestro teresinense de nome Emmanuel Coelho Maciel que depois de entrar em contato com as composições “possidônicas” resolve reuni-las e assim lançar uma monografia musical de nome *Memória Piauiense: Possidônio Queiroz* com as músicas encontradas. Foram apenas

²⁸ Depoimento concedido pelo professor Júnior Viana, a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva na cidade de Oeiras Piauí, no dia 15 de junho de 2014.

15, já que a maioria já havia se perdido devido a ação do tempo e do cupins. Possidônio a essa época já estava cego e já bem frágil, não tinha condições de continuar com seus velhos hábitos.

Nasceu em 1935, em Belo Horizonte. Especialista em educação musical pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, é exímio violinista, compositor, dedicado a obras de música coral e instrumental (principalmente de câmara), assumia em 1976 a Universidade Federal do Piauí - UFPI, participando da fundação do Departamento de Educação Artística. Entrou em contato com duas obras de Possidônio, a *Valsa de N° 9* ou *Pagã* e *Horas de Melancolia*, quando ainda estava à frente do grupo camerístico "*Ars Tupiniquim*". Alguns anos depois, por volta de 1990-1991, começa seu trabalho de pesquisa através de correspondências que tornaria viável a busca pelo resgate e reconhecimento das obras possidônicas.²⁹

O lançamento dessa obra aconteceu no final do ano de 1995 no Cine Teatro Oeiras, contando com a presença da orquestra da Câmara de Teresina. Essa foi talvez umas poucas e últimas homenagens a Possidônio que se tem notícia. Possidônio compareceu a homenagem, e fez questão de discursar, mas no momento de seu discurso um fato o impediu de falar, ele tinha um câncer de próstata avançado e quando iniciou sua fala, suas vestes sempre em tons claros ficaram sujas de sangue, mesmo tendo sido avisado, Possidônio insistiu em terminar aquele que seria seu último discurso.



Imagem 3: Possidônio em sua última aparição no lançamento de Memória Piauiense, ao lado da Orquestra da Câmara de Teresina.

Fonte: Acervo da família Queiroz.

²⁹ LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. **Possidônio Queiroz: e os tempos de ouro da música oeirense.** Teresina, 2009. 68 p. Monografia de conclusão de curso. Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL, Universidade Estadual do Piauí – UESPI. p.27.

Após o fatídico episódio, Possidônio não resiste e falece no primeiro dia do ano de 1996, deixando os oeirense órfãos. “Talvez se pudesse dizer que “Possi” cumpriu o papel de “guardião da memória” de Oeiras”.³⁰

A preservação de toda herança material deixada por ele, é algo de extrema importância, porque nela foi contada uma boa parte da Oeiras de sua época. E assim, entender outras questões que estão intrínsecas as práticas culturais dessa cidade.

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação.³¹

Através da reflexão de Ecléa Bosi, é possível se entender a importância da lembrança de Possidônio. Possidônio é Oeiras, dedicou sua vida inteira a ela, é essa dedicação que faz dele importante. Perpetuar sua memória, especialmente entre os mais jovens além de um reconhecimento de seu legado é também uma forma de conhecer a Oeiras em que ele viveu e assim compreender porque certas práticas existem, e permanecem e são tão importantes. É através dessa compreensão que pode entender várias questões que estão relacionadas a cidade: o amor, a intelectualidade, a loucura, a Fé, a cultura e a tradição.

Após conhecer toda a trajetória de vida de Possidônio Queiroz, fica nítida a sua importância para os oeirenses. Algumas questões ainda precisam ser discutidas como por exemplo o da iniciativa de conservar essa memória possidônica afim de que ele seja lembrado e reconhecido pelos jovens. A dedicação de Possidônio pelo conhecimento e acima de tudo por Oeiras faz de dele um dos mais ilustres cidadãos dessa terra manfrensina me suas raízes, altaneira por natureza.

3 Possidônio: O homem e a cidade

Tendo se conhecido um pouco da trajetória de vida de Possidônio Queiroz, é possível perceber porque ele é uma figura importante para a história de Oeiras.

³⁰ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Oeiras por meio das cartas de Possidônio Queiroz. **Revista de história e estudos culturais**, Teresina, n.1 p.13, jan-jun.2013.

³¹ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras,1994, p.81.

Contudo, é preciso apresentar de maneira mais enfática as contribuições desse beletrista oeirense. Desta maneira será possível compreender através de suas memórias o contexto cultural e social de Oeiras no período vivido por ele e assim ampliar a compreensão da “oeirensidade” termo utilizado por alguns intelectuais da cidade para designar as tradições, a cultura e o telurismo do oeirenses. Para tanto é preciso antes de tudo compreender o que é cultura.

*Cultura é um conceito que só existe a partir da constatação da diferença entre nós e os outros. Implica confirmação da existência de modos distintos de construção social da realidade com a produção de padrões, normas que contrastam sociedades particulares no tempo e no espaço.*³²

As vivências de Possidônio deixaram um legado, de um valor inestimável para os oeirenses, em todos os aspectos religioso, político e acima de tudo o cultural sendo ele figura sempre atuante na cidade desde meados da década de 1920 como orador, músico, poeta dentre outras atribuições conferidas a ele. Boa parte da história de Oeiras é contada em suas memórias, através de suas cartas, suas crônicas, poesias e em suas composições musicais.

O terceiro capítulo tem como objetivo construir uma narrativa histórica de Oeiras, no período compreendido entre 1950 e 1970 utilizando como base os escritos (correspondências, crônicas e artigos) deixados por Possidônio Queiroz e os trabalhos de outros intelectuais que falam sobre ele. Desta maneira será possível entender através da ideias de Possidônio Queiroz o contexto social e cultural de Oeiras, ampliando o conhecimento da cultura deste local e apresentar as contribuições desse beletrista, para a sociedade oeirense.

3.1 Oeiras a partir das cartas de Possidônio

Ao conhecer Possidônio Queiroz, uma das perguntas mais frequentes é como ele conseguiu aprender tanto, tendo saído de Oeiras raríssimas vezes e como ele iniciou e manteve contato durante toda a sua vida com intelectuais de diversas partes do Brasil. A resposta pode estar em primeiro lugar na sua curiosidade, vontade de aprender e nunca se conformar com o que tinha aprendido sempre buscando ampliar seu conhecimento.

³² VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**. antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p.63.

Vale ressaltar que um dos maiores prazeres de Possidônio era compartilhar seu conhecimento, sempre ensinando e orientando aqueles que o procuravam. Outra forma encontrada por ele foi a intensa troca de correspondências com outros intelectuais de Oeiras e outras partes do Brasil.

Essa intensidade justifica-se pelo fato de no início do século XX as correspondências serem até então a maneira mais viável de comunicação entre as pessoas. Nelas deixava-se claro os sentimentos e as opiniões sendo assim uma prazerosa forma de se manifestar. Sobre essas questões Ângela de Casto Gomes tem a seguinte opinião:

Correspondência pessoal, assim como outras formas de escrita de si, expande-se simultaneamente ao processo de privatização da sociedade ocidental com a afirmação do valor do indivíduo e a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade. Tais códigos permitem uma espontaneidade de formas de expressão dos sentimentos como a amizade e o amor, uma espécie de intimização da sociedade.³³

Através dessas correspondências Possidônio cantou Oeiras das mais variadas formas, além de ficar por dentro de todos os acontecimentos do Brasil e do mundo relacionados a política, cultura e música por exemplo. “As crônicas sobre Oeiras destacam a sensibilidade de Possidônio e o seu apego ao torrão natal”.³⁴

Possidônio é tido pela maioria de seus conterrâneos como historiador mor das “Coisas de Oeiras” e é através das correspondências que esse título se justifica. Ele descreve detalhadamente com sua escrita rebuscada e por vezes prolixa tudo o que se passava na cidade: as manifestações religiosas, as lendas, os costumes antigos e as tradições passadas de geração para geração. Tratava também de assuntos como por exemplo o movimento em prol da criação do bispado de Oeiras, a construção do primeiro ginásio municipal e a luta liderada por ele para a conservação do nome da cidade na década de 1940 como foi falado anteriormente.

Mas acima de tudo essa troca de correspondências ou melhor dessas crônicas que retratavam diversos cotidianos era acima de tudo o compartilhamento do conhecimento adquirido por esses intelectuais. Possidônio recebia juntamente com as

³³ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo In: GOMES, Ângela de Castro(Org.) Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

³⁴ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **As cidades de Possidônio**. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver, sentir, narrar. Teresina, 2012, 12 p.- Universidade Federal do Piauí. p.4.

cartas muitos livros e jornais dados de presentes por seus amigos e que juntava com muito zelo a sua vasta biblioteca pessoal.

Penso que posso chamá-lo de homem de letras. Possidônio Queiroz aventurou-se pelas trilhas da escrita e decidiu compartilhar suas apreensões e desejos, gestados a partir de olhar, do sentir a cidade onde morou. Escreveu para jornais que circularam na sua Oeiras, escreveu também para uma programa de rádio, além de escrever muitas cartas. Nestas narrativas tratou do cotidiano da cidade para outros oeirenses que, por razões diversas, deixaram a primeira capital da província do Piauí. Correspondeu-se com pessoas como é o caso de Anita Prestes, que o entrevistou para capturar a representação do Velho Possi sobre a passagem da Coluna Prestes por Oeiras.³⁵

Pode-se perceber através da fala do historiador Francisco Alcides do Nascimento que as narrativas escritas por Possidônio Queiroz representam uma importante fonte histórica para o conhecimento de Oeiras. Foi através do seu olhar sensível que muitos intelectuais puderam conhecer a cidade, ou em muitos casos serviam também para manter os oeirenses que residiam fora, informados de todos os acontecimentos. Nas missivas ele também buscava se posicionar a respeito de questões que afetavam a dinâmica do país. Era também uma forma que eles encontraram de amenizar a saudade da terra natal, da qual eles tinham esperança de um dia voltar.

Dentro desse contexto podemos perceber a utilização das missivas escritas por Possidônio Queiroz como uma forma de compreender o modo como os oeirenses de sua época viviam, mas acima de tudo como uma construção de suas representações acerca do mundo e também do seu espaço e de suas práticas atribuindo significados plurais as relações estabelecidas por esses indivíduos.

A correspondência enquanto fonte é uma velha conhecida dos historiadores. Porém são recentes os estudos que a colocam no centro da investigação, como objeto de análise dotado de especificidades e que, para além de fornecer informações sobre assuntos variados, permite acessar aquilo que a história cultural à francesa-preocupada em “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” - denomina por *representações*: os resultados de um trabalho partilhado de delimitação e classificação do real, que organiza a apreensão do mundo social atribuindo-lhe sentidos.³⁶

³⁵ Idem

³⁶ GONTIJO. Rebeca. A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927). **Trajeto**s. Revista de História UFC. Fortaleza, vol.3, n° 5, 2004.

A utilização do acervo “possidônico” que está em poder da família Queiroz e de algumas pessoas próximas a Possidônio para o conhecimento de acontecimentos de Oeiras, é recente. O que é lamentável tendo em vista a riqueza de informações que esse acervo contém. Uma coisa que chama atenção ao se ter acesso a esse acervo é a organização. Há pastas separadas e devidamente nomeadas, onde Possidônio indicava com que estava trocando correspondências. Uma curiosidade é que ele arquivava uma cópia da carta que escrevia juntamente com a resposta recebida.

Dentre os intelectuais que podemos citar que mantiveram contato com Possidônio através das correspondências: Arimatéia Tito Filho, Bugyja Brito, Miridan Falci, Luís Carlos Prestes e sua filha Anita Leocádia que na década de 1980 o traria novamente a Oeiras, e tantos intelectuais de todas as partes do Brasil.

É possível encontrar um volume extenso de correspondências entre e Arimatéia Tito Filho por exemplo. Eles relembram principalmente fatos políticos como por exemplo as sempre acirradas disputas entre as famílias oeirenses que diga-se de passagem permanecem até os dias de hoje. Relata também os seus posicionamentos em relação a fatos políticos importantes do Brasil como por exemplo a nova conjuntura que se formou após o fim da Ditadura Getulista.

Outro intelectual com quem Possidônio manteve contato foi o também oeirense Bugyja Brito radicado no Rio de Janeiro desde a década de 1930. O objetivo principal das missivas trocadas entre eles seria o de manter Bugyja informados sobre os acontecimentos da cidade. Ambos partilhavam das mesmas ideias, sempre em busca do saber e do amor pela “Velha Cap”.

As cartas nos possibilitam conhecer as tramas do campo intelectual durante o período correspondente as décadas mencionadas, e como se deram as articulações dos sujeitos mencionados há pouco no³⁷ circuito intelectual em nível estadual e nacional. Elas oferecem pistas para se pensar inúmeros temas e questões que eram debatidas tanto em Oeiras - Piauí quanto no Rio de Janeiro. Questões que versavam sobre política, sociedade, cultura e religião e as novidades no campo intelectual como, por exemplo, recomendações de leitura, artigos publicados em revistas, almanaques, jornais.

³⁷ TAPETY, Audrey Maria Mendes de Freitas. **Conversa entre amigos: correspondências trocadas entre Possidônio Queiroz e Bugyja Brito.** III seminário internacional História e Historiografia/ X seminário de pesquisa do Departamento de História da UFC. Fortaleza, 2012, 10 p.- Universidade Federal do Ceará.

Através da fala da historiadora Audrey Tapety fica evidente o conteúdo das missivas trocadas entre esses dois intelectuais oeirenses. As relações estabelecidas entre esses intelectuais, Possidônio e tantos outros serviram para o compartilhamento das ideias em comum e o conhecimento de outras culturas por exemplo.

Tendo se analisado de maneira breve a utilização do acervo de correspondências de Possidônio Queiroz, foi possível perceber que o objetivo principal dessas missivas era o de propagar a memória de Oeiras nas mais diversas partes do Brasil. Outra função era de se expressar propriamente através delas enfatizando os sentimentos a respeito de um determinado assunto. Além disso formou-se de certa forma uma roda de debates estabelecida por intelectuais do Piauí e de outras partes do Brasil ocorrendo assim uma divulgação das obras desses intelectuais.

3.2 Aparece m jornal em Oeiras

Na década de 1970 Possidônio Queiroz funda o periódico, “O Cometa” juntamente com os escritores José Expedito Rêgo e Costa Machado e tinha como objetivo principal informar os oeirenses, mas acima de tudo nas palavras de José Expedito Rêgo seria um divulgador da cultura e dos valores locais. A primeira edição do jornal foi posta em circulação no mês de março de 1971.

O artigo de apresentação escrito por José Expedito Rêgo justifica a escolha do nome, afirmando que em função das dificuldades encontradas o jornal pudesse ou não continuar circulando. Deixa bem claro também o caráter imparcial do jornal, não se filiando a nenhum partido político, reafirmando o papel de divulgador de cultura como foi dito anteriormente. O jornal se dividia em colunas dedicadas a poesia e a contar fatos relacionados a história de Oeiras e algumas poucas propagandas.

O COMETA é o nome do novo periódico. Batizo-o com esse nome porque sei que ele será irregular, no seu aparecimento como esses astros erradios que embelezam os céus, esporadicamente. [...] Será, pois, um cometa.

Mas quem sabe? Pode ser que melhore, cresça e venha a sair amiúde, e com, o tempo, chegue a brilhar diariamente, como uma estrela de primeira grandeza, nos céus oeirenses.³⁸

³⁸ Jornal “O Cometa” de nº 1 de março do ano de 1971, p.1.

Na fala de José Expedito Rêgo que foi nomeado diretor do jornal nota-se uma certa incerteza a respeito da continuação do periódico, daí o nome sugestivo dado a ele. Sempre com um ar poético ele deixa claro que tem esperança que o jornal supere as dificuldades e venha a ganhar espaço entre os oeirenses. José Expedito Rêgo se dividia entre as profissões de médico e de poeta. Essa uma das características dos intelectuais do início do século XX.

A Possidônio Queiroz ficou a responsabilidade de escrever a coluna intitulada de “História de Oeiras”, que como próprio nome diz era dedicada a contar determinados acontecimentos relacionados a história de Oeiras e conseqüentemente a do Piauí. Em datas festivas como Semana Santa, Natal e Ano Novo deixava sempre sua mensagem sempre desejando votos de felicidade aos leitores do jornal.

No primeiro número do jornal Possidônio dissertou sobre os caminhos da imprensa em Oeiras. Ele descreve cada uma das tentativas da instalação da imprensa na cidade. O primeiro jornal de que se tem notícia segundo Possidônio foi o “O Piauiense” no ano de 1832. Logo em seguida surgem “O Telegrafo” em 1839, “O Governista” em 1847, “O Constitucional” e o “O Analítico” ambos em 1848, “O Escolastico”, “A voz da verdade” e o “Echo Liberal” em 1849, “Aucapura” em 1850, “O Arghos Piauienses” e “Recreio Literário” em 1851, “O Oeirense” em 1852, “O Século” em 1877, “A Ordem” em 1878, “O Município” em 1887, e o “O Gato” em 1889. Já no século XX, surge “O Correio de Oeiras” em meados do ano de 1910 e “O Fanal” em 1939.

Além dos nomes sugestivos a principais característica de todos esses jornais foi a curta duração de todos eles, apesar do interesse pela imprensa. Esse fato é reflexo do atraso e abandono vivido pela província do Piauí e também pela pequena população que além de tudo era analfabeta.



Figura 4: Primeira Edição do jornal "O Cometa" publicado no ano de 1971

Fonte: Acervo particular da pesquisadora Lívia Barroso

As edições também contavam com um espaço reservado a poesias e a entrevistas com personalidades que faziam parte do cenário oeirense e também às visitas consideradas ilustres. Além da colaboração permanente de Costa Machado, Possidônio Queiroz e José Expedito Rêgo outros escritores de Oeiras deram a sua contribuição como Gerson Campos, Vidal de Freitas e O. G Rêgo de Carvalho.

A edição de nº 6 de junho de 1974 chama atenção pelo título "O Cometa: a primeira crise", onde os idealizadores fazem um apelo em busca de novos assinantes para que o jornal se mantenha. Eles demonstram um certo ar de surpresa ao afirmar que o jornal ainda está em circulação depois de quatro anos. "Está, pois, em suas mãos, prezados oeirense a vida do seu jornal. Ou vocês fazem uma transfusão urgente, ou "O Cometa" irá para o rol do JÁ TEVE em nossa querida cidade".³⁹ Através desta

³⁹ Jornal "O Cometa" de nº 6 de junho do ano de 1974, p.1.

passagem podemos notar a luta dos colaboradores para a permanência do periódico. Contudo, dois anos mais tarde ele deixaria de existir confirmando o medo de seus colaboradores em ele fazer parte do “JÁ TEVE” tão popular em Oeiras.

Na última edição posta em circulação no ano de 1976, Possidônio tem como assunto a posse do 3º Bispo de Oeiras D. Edilberto Dilkenborg, onde ele destaca a escolha do Bispo por Oeiras cidade pacata de povo humilde, muito diferente da Alemanha Ocidental terra natal de D. Edilberto Dilkenborg. Ressalta ainda a gratidão e felicidade dos oeirenses ao recebe-lo com todas as honras.

Pode-se dizer que ao longo de seus anos de existência o periódico “O Cometa” cumpriu sua missão de propagador de ideias e divulgador das “Coisas de Oeiras”. Apesar da sua extinção, todas as edições são valiosas para a historiografia piauienses tendo em vista a diversidade de assuntos tratados em suas páginas. Contrariando o pessimismo de seus colaboradores “O Cometa” resistiu em quanto pode.

3.3 A Fundação do Instituto Histórico de Oeiras

Um das maiores contribuições de Possidônio Queiroz juntamente com Dagoberto de Carvalho Júnior, Adão Wallace Luz Mendes, José Expedito de Carvalho Rêgo, Leonília de Carvalho Rêgo, José Cícero Romão Batista, Maria do Espírito Santo Rêgo, e Alina Rosa Ferraz Nunes Ferreira de Carvalho para a sociedade oeirense foi a fundação do Instituto Histórico de Oeiras no ano de 1972 tendo sido Possidônio o primeiro presidente. O objetivo do Instituto histórico era o de conservar o patrimônio histórico de Oeiras e a busca pela preservação do suas tradições. A vontade de se criar um órgão para a preservação da memória oeirense já era uma reivindicação antiga da sociedade que concretizada graças a esse grupo de oeirenses.

A fundação de uma entidade como o Instituto, de há muito se tornara de caráter imprescindível e inadiável para a nossa cidade. Oeiras, pelo seu passado e com suas tradições, de longa data estava a reclamar a criação de um órgão que viesse a se transformar num verdadeiro guardião dessas próprias tradições e desse mesmo passado. Honra, pois, aqueles que, levados pela dedicação a velha urbe, se congregaram, com entusiasmo e, acima de tudo, desprendimento, na defesa de uma causa que não é apenas da corporação, porque do município, do estado, do país: a preservação do que herdamos de nossos maiores.⁴⁰

⁴⁰ Revista do Instituto Histórico de Oeiras n° 4 do ano de 1982.

Em depoimento do ano de 1989 Possidônio fala da criação do IHO, vejamos o que relata sobre esse fato:

Em janeiro de 1972 nós criamos o Instituto Histórico de Oeiras. Sou sócio fundador e fui eu que escrevi os estatutos. O Dr. Dagoberto foi o principal criador. Eles quiseram até me fazer secretário perpétuo e eu não quis perpetuidade. [...] Depois fui eleito presidente, com mandato de dois anos. O primeiro da nossa revista está lá: Possidônio Queiroz presidente.⁴¹

Nota-se um certo saudosismo na fala de Possidônio ao se referir como um dos fundadores e como autor do estatuto. Ele também se mostra muito honrado por ter sido nomeado presidente. Como podemos perceber a fundação do Instituto Histórico de Oeiras (IHO) foi de certa forma uma vontade coletiva dos oeirenses coube ao grupo de fundadores realizar este sonho.

O Instituto Histórico de Oeiras existe até os dias de hoje, funcionando no Palácio João Nepomuceno conhecido popularmente como “Major Selemérico” atuando com o intuito de promover a história de Oeiras e também como incentivador do turismo na cidade. Atualmente, a presidência do Instituto Histórico está sob a responsabilidade da historiadora Socorro Barros.

Do Instituto Histórico surgiu a ideia da criação de uma revista que assim como o “Cometa” teria como objetivo informar os oeirenses e divulgar a cultura da cidade. Surge então a Revista do Instituto Histórico de Oeiras no ano de 1978. A Revista tinha como colunistas os membros do Instituto Histórico de Oeiras, que na época tinha como presidente Possidônio Queiroz. A Revista do Instituto Histórico teve sua última edição publicada no ano de 2009.

A partir da análise da mobilização para a criação do Instituto Histórico de Oeiras percebe-se que a preocupação em preservar o Patrimônio Histórico de Oeiras não é algo recente. Vale ressaltar que se a mobilização para a criação do IHO tivesse acontecido antes, muitos patrimônios teriam sido salvos do esquecimento e da deterioração como foi o caso da cadeia pública construída pelo na administração de Manoel de Sousa Martins, o Visconde da Parnaíba.

⁴¹ Depoimento de Possidônio Queiroz concedido a Railson Torres no mês de julho de 1989 na cidade de Oeiras-Piauí.

3.4 A amizade entre Possidônio Queiroz e Luís Carlos Prestes

No ano de 1926, mais especificamente no mês de julho um acontecimento mexeu com o cotidiano pacato de Oeiras: Era a notícia de que a Coluna Prestes passaria pela cidade. Os oeirenses daquela época ficaram apavorados com o fato de os comunistas estarem chegando. Numa cidade dominada pela influência política de fazendeiros de gado esse acontecimento se tornou um tormento a paz e tranquilidade características da “Velha Cap” até os dias de hoje. Como os meios de comunicação eram escassos e precários naquele período e as notícias sobre a Coluna era de um grupo de saqueadores sem piedade a maioria dos oeirenses amedrontados começaram a fugir e se esconder da ameaça que se aproximava.

Os boatos que rondavam em Oeiras em 1926 sobre a marcha prestista e a ação dos revoltosos era fruto de uma construção secular, muitas vezes fantasiosa e exagerada. Como os meios de comunicação eram precários, não havendo jornais ou até mesmo rádio, o que se sabia era que eles passavam pelas cidades devastando tudo, saqueando comércios, fazendas, violentando mulheres, roubando animais, causando uma verdadeira onda de barbárie.⁴²

Com base nesse trecho podemos entender o porquê do medo das pessoas. Foram disseminadas ideias aterrorizantes sobre Luís Carlos Prestes e seus companheiros de jornada. O governo da época fez questão de fazer uma propaganda errônea sobre o que seria o comunismo de fato. Eles não conseguiam assemelhar o fato de que no regime comunista tudo seria de todos, era uma ideia absurda na cabeça das pessoas. Por todos os lugares onde a Coluna passou o sentimento das pessoas era o mesmo. Um outro depoimento de um pessoa que vivenciou essa passagem por Oeiras reforça ainda mais a imagem negativa tida pelos colonistas.

[...] eu tinha quatro anos de idade, já tenho oitenta e oito. Quatro anos de idade... Foi em 1926... Quatro anos de idade... Me lembro demais... O velho Tunico da Chapada levou a gente lá pro Soizão, num tinha aquela barragem não, era uma coisa, umas cavernas... Num lugar chamado de Olho D' água do Pinga... Nós passamos onze dias lá escondidos por causa dessa revolta de

⁴² LIMA, Ana Paula de Almeida. **Muitas memórias, outras histórias**. Picos-Piauí, 2011, 54.p. Monografia-Universidade Federal do Piauí.

Luís Carlos Prestes [...] Eu tinha quatro anos de idade, mas me lembro demais. [...] ⁴³

O testemunho do senhor Acelino Praça nos possibilita perceber um olhar diferenciado de quem esteve presente no fato. E o que torna essa narrativa ainda interessante é o fato de ele ter apenas 4 anos na época em que a Coluna esteve em Oeiras e apesar da pouca idade, essa memória ter permanecido em sua vida mesmo depois de mais de oitenta anos. Segundo Lucília de Almeida Neves Delgado:

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica, pelo processo de recordação, que inclui ênfase, lapsos, esquecimentos, omissões contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente. ⁴⁴

Dessa forma é possível entender o papel da história oral para a construção do processo de conhecimento histórico, possibilitando o entendimento dos episódios vivenciados. No caso da Coluna Prestes construiu-se uma imagem de os homens liderados por Prestes seriam desordeiros que não tem uma ocupação dedicavam a sua vida a atormentar as pessoas honestas, roubando-os e os fazendo reféns de seus próprios medos. Ainda utilizando a fala do senhor Acelino, ele assim define Prestes: *O Cavaleiro da Desgraça*, enfaticamente ele resume o sentimento contrário compartilhado pelos oeirenses que vivenciaram a estadia da Coluna Prestes em Oeiras e em diversas outras partes do Brasil.

Contudo, um oeirense especial não partilhava da mesma concepção de seus conterrâneos. Para Possidônio Queiroz, Prestes era sim o *Cavaleiro da Esperança* tendo ele sido o “diplomata” digamos assim desse episódio fatídico de Oeiras. Do contato estabelecido entre Possidônio e Prestes surgiria uma amizade que resultaria em mais uma visita de Prestes a Oeiras acompanhado de sua filha Anita Leocádia na década de 1980.

Diferentemente das outras pessoas, Possidônio acreditava que Prestes seria um líder, encabeçando um movimento em prol de um Brasil melhor. Essa concepção deve-

⁴³ Depoimento concedido pelo senhor Acelino Homero Praça a pesquisadora Ana Paula de Almeida Lima no dia 06 de maio de 2011 na cidade de Oeiras-Piauí.

⁴⁴ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 136 p.

se ao fato de Possidônio ser um incansável leitor um “*Cupim de Livros*” como lembrou seu filho Francisco Queiroz. O acesso dele a diferentes tipos de leitura possibilitou a construção de um olhar mais claro a respeito de algumas questões que não eram assimiladas pelo restante das pessoas.

Para compreender a visão de Possidônio faz-se necessário uma reflexão de uma de suas falas a respeito da Colunas Prestes:

Sonháveis, então, e sonhais ainda, com um Brasil forte, rico, equânime, pai generoso de todos os seus filhos; com um Brasil em que não haja nababos apodrecendo de ricos, na expressão popular, tampouco mães famintas, emagrentadas, esqueléticas, mirradas pela fome crônicas, de olhos esgazeados, girando espantosos [...] Esse sonho patriótico por um Brasil melhor, por um Brasil bom, por um Brasil isento de injustiças sociais.⁴⁵

Possi via na ideias de Prestes uma possibilidade de uma melhor condição de vida para os mais humildes, utilizando suas palavras ele tinha a esperança de um Brasil bom, um Brasil melhor, livre dos mais gananciosos e onde não haveria desigualdade. Um sonho um tanto utópico de ambas as partes.

Possidônio estabeleceu uma relação de amizade com aqueles homens tocando sua flauta juntamente com eles e fazendo uma serenata que durou toda uma madrugada. Possi tinha na época 22 anos e uma facilidade enorme em se comunicar com pessoas de todos os níveis e concepções.

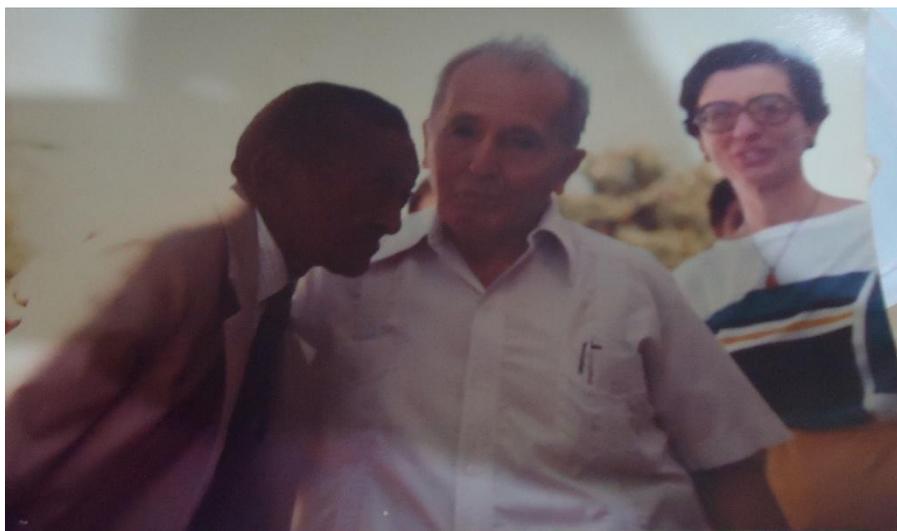
No ano de 1987 a convite da Academia Piauienses de Letras, Prestes volta acompanhado de sua filha Anita Leocádia a Oeiras para relembrar a passagem da Coluna Prestes em Oeiras. Prestes diferentemente da primeira vez em que esteve na cidade foi recebido com todas as honras no Cine Teatro de Oeiras.

Fui escolhido para a saudação ao Prestes. Quis me esquivar, mas o diretor da Academia que é amigo da gente disse: não Possidônio, você é quem vai. Você é o orador, para não quebrar tradição de Oeiras e não sei o que mais. Uma festa magnífica.⁴⁶

⁴⁵ Revista do Instituto Histórico de Oeiras, nº 9, ano de 1987, p.32.

⁴⁶ Depoimento de Possidônio Queiroz concedido a Railson Torres no mês de julho de 1989 na cidade de Oeiras-Piauí.

Um dos maiores prazeres de Possidônio era discursar. Segundo seu filho Francisco Queiroz ele passava horas elaborando suas falas que se estendiam por várias páginas. O discurso que fez para Prestes talvez tenha sido um dos mais importantes e gratificantes de sua vida. E como ele próprio disse uma festa sem o discurso de Possidônio já era uma tradição esperada pelos oeirenses impressionados com a desenvoltura desse que foi um grande homem.



**Figura 5: Possidônio Queiroz ao lado de Luís Carlos Prestes e ao fundo Anita Leocádia
Fonte: Acervo pessoal de Francisco Queiroz**

Possidônio também estabeleceu uma relação de amizade com Anita Leocádia após a visita feita por ela em companhia de seu pai. Certa vez ela pediu ajuda a Possidônio para encontrar um mapa que teria sido dado por Prestes a uma família oeirense. Ele tentou ajudá-la sem êxito, pois não se sabe se esse mapa de fato existe, e se realmente ele existe a família de quem ele está em poder não o revela a ninguém o que é uma grande perda para a historiografia piauiense.

A relação estabelecida por esses dois homens tão importantes é de grande importância para a história. Sem dúvida foram grandes intelectuais bem à frente do tempo vivido por eles. Talvez tenha sido isso que os aproximou e perpetuou a amizade de ambos por décadas. Cada um contribuiu a sua maneira para um país melhor, onde as pessoas vivessem dignamente. Esse talvez tenha sido o maior legado dos dois.

CONCLUSÃO

Ao final desse trabalho monográfico, percebe-se que há ainda um longo caminho a ser trilhado. A memória de Possidônio Queiroz não pode ser esquecida e a minha missão como historiadora é lutar para que seu legado não seja perdido com o tempo. A contribuição dele para com a sociedade oeirense é inegável. Ele dedicou praticamente toda a sua vida a Oeiras, nada mais justo do que perpetuar sua memória.

Através do contato com as fontes deixadas por ele, foi possível perceber que muita coisa já se perdeu pela ação impiedosa do tempo. É preciso que se cuide para o que ainda exista não se perca. O arquivo possidônico é um verdadeiro tesouro para os historiadores.

Compreendemos que é uma tarefa difícil, mas já se percebe uma certa mobilização por parte de alguns historiadores como é o caso do Professor Francisco Alcides, e da família Queiroz que busca uma parceria com o poder público para que isso se concretize.

É dever de todo oeirense, conhecer a história daquele que cantou sua cidade em todos os momentos, e também é dever dos oeirenses serem propagadores de sua memória. Afinal, tudo o que ele fez em vida foi amar Oeiras e fazendo questão que todos soubessem disso. A preservação das memórias de personagens como Possidônio Queiroz ajudam a reconstruir a história, e a entender a formação de culturas e práticas de um determinado povo.

REFERÊNCIAS E FONTES

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**.3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484p

BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992, 354 p.

CARDODO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.) **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 136p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, 340p.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor. Lisboa: Passagens, 1992.

FRAIZ, Priscila. **A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema**. Rio de Janeiro, 1994, dissertação de mestrado. UFRJ.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 271p.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.6, p.65.

GONTIJO, Rebeca. A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo. (1916-1926). **Trajeto**. Revista de História UFC, Fortaleza, vol.3, n° 5, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5.ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003. 525 p.

LIMA, Ana Paula de Almeida. **Muitas memórias, outras histórias.** Picos-Piauí, 2011, 54.p. Monografia-Universidade Federal do Piauí.

LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. **Possidônio Queiroz: e os tempos de ouro da música oeirense.** Teresina, 2009. 68 p. Monografia de conclusão de curso. Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL, Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

_____. Os arranjos da música em Oeiras por meio do arquivo de Possidônio Queiroz. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DE OEIRAS, Oeiras – PI, **Os arranjos da música em Oeiras por meio do arquivo de Possidônio Queiroz.** Universidade Estadual do Piauí – UESPI, 2013.p.1

MATOS, Maria Izilda de Matos. **A cidade, a noite e o cronista: São Paulo de Adoniran Barbosa.** XIX Encontro Regional de História: Poder, violência e exclusão. São Paulo: ANPUH/USP. 2008.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **As cidades de Possidônio.** VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver, sentir, narrar. Teresina, 2012, 12 p.- Universidade Federal do Piauí.

_____. Oeiras por meio das cartas de Possidônio Queiroz. **Revista de história e estudos culturais,** Teresina, n.1 p.13, jan-jun.2013.

NORA, Pierre. **Entre História e Memória: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo: 1993, p. 7-28.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010, 251p.

REIS, Amada de Cássia Campos. **História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí: meados do século XVII à primeira metade do século XX.** 2009. REIS, Amada de Cássia Campos. **História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí: meados do século XVII à primeira metade do século XX.** 2009.

RODRIGUES, Walleska Dandara Vieira. **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Oeiras: séculos XVIII e XIX.** Picos, 2011, 54p. Monografia, Universidade Federal do Piauí (UFPI).

TAPETY, Audrey Maria Mendes de Freitas. **Conversa entre amigos: correspondências trocadas entre Possidônio Queiroz e Buggy Brito.** III seminário internacional História e Historiografia/ X seminário de pesquisa do Departamento de História da UFC. Fortaleza, 2012, 10 p.- Universidade Federal do Ceará.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose.** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p.63.

VIANA, Junior. **Mosaico da Vila.** Oeiras-Piauí: Gráfica do Povo, 2013,108 p.

Fontes:

Jornal “O Cometa” de nº 1 de março do ano de 1971

Jornal “O Cometa” de nº 2 de abril do ano de 1971.

Jornal “O Cometa” de nº 3 de maio do ano de 1971.

Jornal “O Cometa” de nº 4 de maio do ano de 1971.

Jornal “O Cometa” de nº 6 de junho do ano de 1974.

Revista do Instituto Histórico de Oeiras, nº 9, ano de 1987.

- **Orais**

Depoimento concedido pelo senhor Acelino Homero Praça a pesquisadora Ana Paula de Almeida Lima no dia 06 de maio de 2011 na cidade de Oeiras-Piauí.

Depoimento concedido pelo senhor Francisco Queiroz, a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva na cidade de Oeiras Piauí, no dia 21 de junho de 2014.

Depoimento concedido pelo historiador Rodrigo Queiroz, a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva na cidade de Oeiras Piauí, no dia 21 de março de 2014.

Depoimento concedido pelo professor Júnior Viana, a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva na cidade de Oeiras Piauí, no dia 15 de junho de 2014.

Depoimento da historiadora Socorro Barros concedido a pesquisadora Francisca Shayane Avelino da Silva em 21 de junho de 2014 na cidade de Oeiras-Piauí.

Anexos



Anexo 1: Possidônio Queiroz discursando

Fonte: Acervo do senhor Francisco Queiroz



Anexo 2: Possidônio Queiroz e Luís Carlos Prestes
Fonte: Acervo particular do senhor Francisco Queiroz



Anexo 3: Possidônio Queiroz palestrando em sua residência
Fonte: Acervo particular do senhor Francisco Queiroz



Anexo 4: Possidônio Queiroz

Fonte: Acervo particular do senhor Francisco Queiroz



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (x) Monografia
- () Artigo

Eu, **Francisca Shayane Avelino da Silva** autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação “A oieirnsidade sob o olhar de Possi: Participação de Possidônio Queiroz na cultura da cidade de Oeiras-Piauí (1950-1970) “de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 05 de outubro de 2016.

Francisca Shayane Avelino da Silva
Assinatura

Francisca Shayane Avelino da Silva
Assinatura



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
 Coordenação do Curso de Licenciatura em História
 Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
 Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao dia (08) do mês de Agosto de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de FRANCISCA SHAYANE AVELINO sob o título *A OEIRENSIDADE SOB OLHAR DE "POSSI": PARTICIPAÇÃO DE POSSIDÔNIO QUEIROZ NA CIDADE DE OEIRAS-PIAUI (1930-1970)*

A banca constituída pelos professores:

Orientador: PROF. DR. FRANCISCO DE ASSIS DE SOUSA NASCIMENTO
 Examinador 1: PROF. MS. FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO
 Examinador 2: PROFA. MS. LÍVIA MOREIRA BARROSO

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI) 08 de Agosto de 2014

Orientador (a): Francisco de Assis de Sousa Nascimento
 Examinador (a) 1: Francisco Gleison da Costa Monteiro
 Examinador (a) 2: Livia Moreira Barroso
Priscila Aguiar Saraiva da Silveira